

Uma mulher é vítima de agressão ou ameaça a cada 10 minutos no RS

Uma mulher é ameaçada ou agredida a cada 10 minutos

LETICIA MENDES
leticia.mendes@diariogaucha.com.br

No mês passado, Ana Hickmann, 42 anos, procurou a polícia em São Paulo e relatou ter sido agredida pelo marido, num caso que ganhou repercussão nacional. A ocorrência indica que a apresentadora teria sido vítima de lesão corporal dentro de casa. Uma situação que se repete no país e no Estado. No Rio Grande do Sul, de janeiro a novembro deste ano, foram 47.779 registros de lesão corporal e ameaça contra mulheres, conforme a Secretaria da Segurança Pública (SSP).

O número de ocorrências de lesão corporal aumentou 9,3% no comparativo com o mesmo período do ano passado. Foram 17.739 mulheres agredidas nestes 11 meses. É como se a cada 27 minutos uma gaúcha fosse agredida. Já as notificações de ameaças subiram 6%.

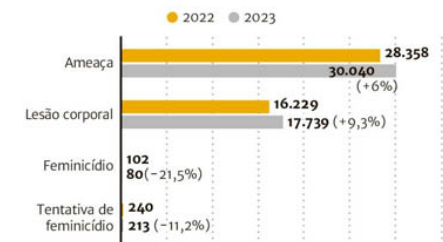
Se considerarmos os registros policiais, a média é de um caso de agressão ou ameaça a cada 10 minutos. Porém, os estudos de violência doméstica indicam que aquilo que é reportado à polícia está longe de representar o número real. A maioria das mulheres ainda não consegue romper o silêncio. É por isso que, na visão da delegada Cristiane Ramos, titular da Divisão de Proteção à Mulher (Dipam) no Estado, a elevação dos registros pode ser vista como positiva:

– Há muita subnotificação. Quando a gente tem um aumento no registro me parece que talvez estejam se sentindo mais acolhidas pela rede de atendimento.



O balanço

Dados de janeiro a novembro no RS



Fonte: SSP-RS

Segundo ela, a Polícia Civil investiu em cursos para qualificar os policiais que atendem vítimas. Em Porto Alegre, houve aumento do número de servidores no plantão, na tentativa de reduzir o tempo de espera e impedir que as mulheres desistam de registrar.

– A gente oferece um atendimento mais célere, mais qualificado, faz com que mais mulheres registrem ocorrência – diz a delegada.

Elevação

Coordenadora do Centro de Apoio Operacional de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, a promotora de Justiça Ivana Battaglin ressalta que os dados de violência doméstica têm aumentado de maneira geral no país.

– O aumento tem duas perspectivas: elas estão denunciando mais, mas também estão sofrendo

mais violências. O fato de se falar mais no assunto mostra às mulheres a possibilidade de denúncia. Aquelas que sofriam caladas estão começando a falar, estão mais cientes de seus direitos – avalia a promotora.

Apoio

Uma preocupação, segundo a promotora, é com a redução de investimentos em políticas públicas para proteger as mulheres, a nível nacional.

– Essa mulher precisa ter uma rede de proteção, de apoio, que passa pela família, amigos e sobretudo o Estado. Às vezes, precisa sair de onde está e precisa de políticas públicas que fomentem a inclusão dela no mercado de trabalho. São muitas as políticas que podem auxiliar a mulher a sair da violência. A condenação do agressor é importante, mas tão somente ela não vai resolver – afirma a promotora.

Vítima deve procurar a polícia logo

A ameaça e a lesão corporal evidenciam o risco de a mulher ser vítima de uma violência mais grave – o feminicídio. Por isso, fazer com que procure ajuda mais cedo é o principal desafio.

– Infelizmente, as pessoas ainda acham que elas precisam ter um hematoma para ir à delegacia. A gente vem desmistificando isso. O ciclo da violência não se inicia com a lesão. Inicia-se com o relacionamento tóxico. A atenção precisa acontecer já nesse início – alerta a delegada Cristiane Ramos, titular da Dipam. – Quando chega na violência física, está muito mais próximo do feminicídio. Ela pode muito antes sair desse ciclo, pedir medida protetiva, já a partir da ameaça, perseguição, injúria, de uma situação em que é menosprezada, humilhada por aquele parceiro – orienta.

A agressão se manifesta de diferentes formas, mas os casos mais comuns envolvem o soco no rosto. Há tipos de lesão que evidenciam ainda mais o risco de que aquilo evolua para o feminicídio, como o estrangulamento.

– O feminicídio não é um ato isolado. Ele vai acontecer na sequência de uma série de violências e a violência física é a mais próxima do feminicídio – explica. – E a gente jamais pode ver uma ameaça nesse contexto de violência doméstica como apenas uma ameaça. Uma ameaça muitas vezes acaba se concretizando.

Caminhada contra a violência

• Na manhã de ontem ocorreu em Porto Alegre a Caminhada 21 Dias de Ativismo de Combate à Violência de Gênero e Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (foto ao lado).

• A realização foi da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, em parceria com as secretarias de Saúde, Segurança e Habitação de Porto Alegre.

• A caminhada seguiu da Rótula das Cuias à Usina do Gasômetro, onde houve acesso a diversos serviços.



• Participaram Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação de Mulheres de Carreira Jurídica (ABMCJ), Conselho dos Direitos da Mulher

(Comdim), Rede Brasil Mulheres, Fórum de Mulheres do Mercosul e Movimento Independente 50-50 de Advogadas Gaúchas.

Feminicídios

Ao contrário das ameaças e lesões, os feminicídios – tanto consumados quanto tentados – diminuíram no RS de janeiro a novembro. Foram 80 vítimas no Estado neste ano, uma queda de 21,5%.

Em Porto Alegre, os números caíram ainda mais: foram três casos neste ano, enquanto no mesmo período de 2022 haviam sido 11 (queda de 72,7%).

Para a delegada Cristiane Ramos, um dos fatores que ajudou a frear os feminicídios é o monitoramento dos agressores com tornozeleiras eletrônicas.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 22